

EDUCAÇÃO FÍSICA E A ORGANIZAÇÃO DA DISCIPLINA POR GÊNERO: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS E PROFESSORES E DE ALUNAS E ALUNOS

*PHYSICAL EDUCATION AND THE ORGANIZATION OF DISCIPLINE BY
GENDER: PERCEPTIONS OF TEACHERS AND STUDENTS*

Thais Lima dos Santos^I 

Any Gracyelle Brum dos Santos^{II} 

Vinicius Gonçalves Mariano^{III} 

Phillip Vilanova Ilha^{IV} 

^I Universidade Federal do Pampa, Uruguaiiana, RS, Brasil. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: thais.limas2015@gmail.com

^{II} Universidade Federal do Pampa, Uruguaiiana, RS, Brasil. Licenciada em Educação Física. E-mail: any.gracy@gmail.com

^{III} Universidade Federal do Pampa, Uruguaiiana, RS, Brasil. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: viniciusmarianno.unipampa@gmail.com

^{IV} Universidade Federal do Pampa, Uruguaiiana, RS, Brasil. Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: phillip@unipampa.edu.br

Resumo: Este estudo teve como objetivo verificar quais as percepções das professoras e dos professores e alunas e alunos sobre a organização das aulas de Educação Física separadas por gênero e mistas. O estudo é caracterizado, quanto aos objetivos, como descritivo; e os sujeitos do estudo foram professoras e professores de Educação Física e escolares dos anos finais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas, de um município de fronteira do estado do Rio Grande do Sul, totalizando 160 alunas e alunos e 4 professoras e professores atuantes nessas escolas. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário com questões abertas e fechadas que foi aplicado às alunas e aos alunos e uma entrevista semiestruturada que foi realizada com as professoras e os professores de Educação Física. As questões foram relativas às percepções das vivências/práticas das aulas de Educação Física e quanto aos aspectos positivos, negativos e à preferência de organização das aulas mistas e separadas por gênero. Os resultados demonstraram que a escolha com maior percentual por aulas separadas por gênero foi referente à escola “A”; e, na escola “B”, os percentuais de preferência de aulas separadas por gênero e aulas mistas tiveram a mesma equivalência. Em relação às professoras e aos professores, observou-se uma divisão nas escolhas e que esta não se relaciona com a organização da escola na qual atua, e sim com sua concepção de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Professor. Aluno. Gênero.

Abstract: This study aimed to verify the perceptions of teachers and students about the organization of Physical Education classes separated by gender and mixed. The study is characterized, in terms of objectives, as descriptive; and the study subjects were Physical Education teachers and schoolchildren from the final years of elementary school in two public schools, in a border town in the state of Rio Grande do Sul, totaling 160 students and 4 teachers working in these schools. As a data collection instrument, a questionnaire with open and closed questions was used that was applied to the students and a semi-structured interview that was carried out with Physical Education teachers. The questions were related to the perceptions of the experiences / practices of



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v16i31.135>

Recebido em: 24-1-2019

Aceito em: 04-05-2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

the Physical Education classes, regarding the positive, negative aspects and the preference for organizing the mixed and separated classes by gender. The results showed that the choice with the highest percentage for classes separated by gender was related to school “A”; and, in school “B”, the percentages of preference for classes separated by gender and mixed classes had the same equivalence. In relation to teachers, there was a division in the choices and that this is not related to the organization of the school in which it operates, but to its conception of Physical Education.

Keywords: Physical Education School. Teacher. Student. Genre.

Introdução

No decurso do tempo, a Educação Física escolar sofreu mudanças em relação à organização de suas aulas, e a oscilação se desenvolveu a partir da discussão de como as aulas de Educação Física seriam realizadas: se de maneira mista ou separadas por gênero (UCHOGA; ALTMANN, 2015).

Essa discussão é histórica, sendo tratada desde 1882, quando a reforma do ensino primário sugeria atividades físicas diferenciadas para meninos e meninas (SOARES, 1994).

Segundo Louzada (2007), após a Segunda Guerra Mundial, o método de Educação Física desportiva generalizada passou a predominar na área recomendando a separação de meninas e meninos para um melhor andamento das aulas, que tinham como objetivos o rendimento e a aptidão física.

Em 1971, a legislação federal fez menção à separação dos alunos por gênero de forma explícita, com o Decreto n. 69. 450, de 1º de novembro de 1971, que, em seu artigo 5º, item 3, legitimava as turmas separadas por gênero, recomendando “quanto à disposição das turmas, cinquenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física” (BRASIL, 1971).

Neste período, surge a tendência esportivista no Brasil, com os militares no poder, a ênfase no esporte fica mais visível, pelo fato de o País ter conseguido ganhar competições internacionais, e isso, acarretou um grande incentivo por parte do governo nessa área. Para atingir os objetivos traçados, o governo resolve então apoiar a prática de esportes na escola, e a Educação Física se torna o alvo perfeito. A partir deste momento a Educação Física, que buscava um avanço como meio educativo, na tendência Pedagógica, retorna ao Biologismo. As professoras e os professores então deveriam deixar de lado os aspectos sociais, educativos e afetivos e preocupar-se somente com o rendimento e o aprimoramento das habilidades esportivas (FERREIRA; SAMPAIO, 2013).

Para Albuquerque (2009), na década de 1980, transparece a “crise de legitimidade” do regime militar e dos seus preceitos eminentemente racionais e técnicos. Nessa época, ocorreu um grande processo de reflexão em relação às políticas educacionais. Acompanhando o sistema educacional como um todo, a Educação Física e seus cursos da formação superior entraram em uma chamada “crise de identidade”. Foi, nesse período, que algumas correntes de pensadores

como (LE BOUCH, 1987; TANI *et al.*, 1988; KREBS, 1995; SAVIANI, 2019); passaram a questionar a visão estritamente objetiva, fisiológica e competitiva com que a Educação Física tratou o ser humano e a sociedade.

Conforme, apontado por Bracht (1992), a partir desta década, surgiram novas propostas de pesquisadores da área. Paiva assegura que “os anos 70 e 80 caracterizam novo encaminhamento para a área, com a implantação da pós-graduação e/ ou com ‘a crise’ da educação física” (2004, p.54). Para Daólio (2003), a Educação Física, até a década de 1970, esteve aprisionada a paradigmas cientificistas e ao modo positivista de fazer ciência.

No decorrer daquela década houve, também, um crescimento dos movimentos populares. O Movimento Sanitário cresce nos municípios e organiza-se. Em 1986, na já comentada 8ª Conferência Nacional de Saúde, ocorre o reconhecimento do Conceito Ampliado de Saúde, que entende saúde como um conjunto de situações que vão além do biológico, incluindo os contextos social, cultural e econômico (BRASIL, 1996).

Neste momento, a Educação Física foi pautada na tendência popular e dominada pelos anseios operários de ascensão na sociedade. Conceitos como inclusão, participação, cooperação, afetividade, lazer e qualidade de vida passam a vigorar nos debates da disciplina. O aluno, depois de um longo período, desde a tendência Pedagogicista, entre 1945 e 1964, passa a ser parte do processo, sendo ouvido, podendo sugerir e criticar (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Sendo assim, a educanda e o educando começa a ser atuante do seu próprio conhecimento no contexto em que está inserida e inserido, desenvolvendo pensamento crítico e reflexivo nas aulas, transformando o meio em que vive.

Ao analisar os documentos legais, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96 e a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental Anos Finais (BRASIL, 2017), que ainda será instituída nas escolas a partir de 2020, pode-se perceber que não há menção sobre a organização das aulas de Educação Física mistas ou separadas por gênero. Tendo em vista, que esses documentos norteiam a Educação Física escolar, e que não há um parâmetro estabelecido para a escolha dessa sistematização, atualmente ocorre uma reflexão, por parte das e dos profissionais da área da Educação Física sobre as aulas mistas e separadas, afim de compreender os fatores que incentivam a escolha da organização dessas aulas.

Na visão de Goellner e Fraga (2004), é sinalizado que a separação de meninas e meninos, nos momentos destinados aos exercícios físicos na escola, dava-se em função de objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, para esses corpos, a partir de “proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher” (GOELLNER; FRAGA, 2004, p.165), conseqüentemente, determinando práticas corporais diferenciadas. Reforçando a discriminação de gênero, afirmando a suposta existência de atividades femininas e masculinas culturalmente postas pela sociedade e assim se naturalizando nas aulas de Educação Física.

Lima e Dinis (2007), afirmam que a persistência de uma Educação Física que não reflete sobre suas práticas e seu papel na formação de suas alunas e de seus alunos e acaba, mediante seu silêncio, colaborando para a formação dos estereótipos de mulher e homem, dessa forma, mantendo uma postura supostamente neutra, ajudando na formação de uma consciência

coletiva de que ser mulher e ser homem atende a determinados padrões e regras normatizados de conduta. Com isso, as aulas se tornam mais excludentes, desfavorecendo algumas alunas e alguns alunos, e corroborando a discriminação de gênero, não oportunizando, vivências significativas, que as e os façam refletir sobre os conteúdos estereotipados pela sociedade.

Mesmo com a consciência de que a formação dos sujeitos ocorre em diversas instâncias sociais, entre elas a escola, não podemos ignorar o papel da Educação Física, porque vez que este campo de saber trata diretamente das questões ligadas ao corpo. Cabe, portanto, repensar o papel desse conteúdo escolar, nesse sentido, buscando outras formas de ensino e novas relações sociais. E tendo em vista, que a concepção da disciplina de Educação Física, na Base Nacional Comum Curricular, consiste na ideia de que:

[...] A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017, p. 213).

Com isso, compreende-se o quanto é importante as relações entre meninas e meninos, para que possam construir o respeito em seu cotidiano, tanto na escola, quanto na vida, pois a formação social da aluna e do aluno depende dessas relações com o próximo, dessa forma, refletindo em suas atitudes e comportamentos. E, a partir disso, desenvolver as diversas expressões da cultura corporal do movimento, desmistificando a ideia da existência de atividades ditas como feminina ou masculina.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar as percepções das professoras e dos professores e alunas e alunos sobre a organização de turmas mistas ou separadas por gênero nas aulas de Educação Física.

Materiais e métodos

O presente estudo situou-se na abordagem quali-quantitativa e foi caracterizado, quanto aos objetivos, como descritivo. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a abordagem qualitativa envolve um tratamento interpretativo do mundo, o que significa que pesquisadoras e pesquisadores estudam fenômenos em seus cenários naturais, e a pesquisa descritiva, essas características ou fenômeno, assim, procurando estabelecer relações entre as variáveis (GIL, 2012).

Para selecionar os sujeitos participantes deste estudo, inicialmente, foi realizado o contato com as secretarias municipais e estaduais de ensino do município, para que o projeto fosse apresentado, solicitando a autorização para a sua realização. Posteriormente, fez-se a escolha intencional de duas (02) escolas públicas de Ensino Fundamental, uma (01) escola com a organização das aulas de Educação Física separadas por gênero, sendo denominada, para fins da pesquisa, como Escola “A”, e uma (01) escola organizada com turmas mistas para as aulas de Educação Física, denominada de Escola “B”. A escolha intencional das escolas se justifica pela exequibilidade da pesquisa, pois procura conhecer as percepções de professoras e professores,

alunas e alunos em dois contextos diferentes. Para cada escola selecionou-se, através de sorteio, uma (01) turma de cada ano escolar, do 6º ao 9º ano. Após, entrou-se em contato com as direções das escolas para solicitar anuência para aplicação do instrumento de coleta de dados. Na sequência, foi entregue o Termo de Assentimento aos alunos, TCLE aos pais e/ou às e aos responsáveis pelas alunas e pelos alunos e professoras e professores, e, com agendamento prévio, foi aplicado o instrumento de coleta de dados.

Foram inclusos na pesquisa escolares regularmente matriculados nas escolas selecionadas e nas turmas sorteadas para o estudo e a professora e o professor de Educação Física da turma sorteada. Foram excluídos as alunas e os alunos e/ou professoras e professores que não compareceram no dia da coleta de dados e as e os escolares que estavam afastados ou com atestados para as aulas de Educação Física.

Como instrumento de coleta de dados das e alunas e dos alunos, utilizou-se de questionário construído pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores, com questões abertas e fechadas, sobre as percepções das vivências/práticas das aulas de Educação Física e os aspectos positivos, negativos e preferências da organização das aulas de Educação Física. Para as professoras e os professores, empregou-se uma entrevista semiestruturada com questões pertinentes às percepções das organizações das aulas e à preferência das aulas mistas ou separadas por gênero.

Para análise da entrevista e das questões abertas do questionário, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A análise de conteúdo fundamentou-se na análise categorial, com desmembramento das respostas em categorias. Os dados passaram por um crivo de classificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. Para questões fechadas do questionário, foi utilizada a estatística descritiva através do programa SPSS versão 2.0.

A pesquisa foi conduzida de acordo com os princípios da Resolução n.º 466/12 do Ministério da Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil.

Resultados e discussão

Participaram do estudo 160 escolares (72 alunas e 88 alunos) dos anos finais do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas. Sendo que, na Escola “A”, localizada na região central do município participaram 83 escolares, destes, 23 alunas e alunos pertenciam ao 6º ano; 25 ao 7º ano; 20 ao 8º ano e 15 ao 9º ano. Há de acrescentar-se duas professoras que também integram o quadro de participantes desta pesquisa. Já na “escola B”, localizada na malha periférica do município, participaram 77 alunas e alunos, sendo 20 alunas e alunos ao 6º ano; 23 ao 7º ano; 17 ao 8º ano e 16 ao 9º ano. E ainda, dois professores da Escola “B”.

Destaca-se que as turmas de Educação Física da Escola “A” eram organizadas por gênero e a Escola “B” eram mistas (meninas e meninos).

Para melhor referir os dados obtidos, apresentaremos primeiramente os resultados das percepções dos alunos e, na sequência, as percepções dos professores.

Percepção das alunas e dos alunos

Sobre as experiências prévias das alunas e dos alunos participantes do estudo, constatou-se que 48,2% das alunas e dos alunos da Escola “A”, que atualmente têm a prática separada por gênero, já tiveram suas práticas de maneira mista e a maioria restante, 51,8%, sempre tiveram suas aulas separadas por gênero.

Já as alunas e os alunos da Escola “B”, cujas aulas, no momento da pesquisa, eram mistas, 28,6%, tiveram experiências com aulas separadas por gênero e 71,4% dos escolares contaram com aulas de Educação Física mistas. Constatou-se que, em relação às experiências anteriores das alunas e dos alunos com as aulas de Educação Física, o resultado foi significativamente maior para as aulas mistas.

Conforme esses dados, Oliveira e Duarte (2006), defendem suas perspectivas sobre as aulas mistas:

As aulas mistas na educação física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre as aulas mistas são aulas co-educativas, pois a co-educação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças (OLIVEIRA; DUARTE, 2006, p. 2).

De acordo com os autores, pode-se compreender, que a professora e o professor de Educação Física exerce um papel importante na formação da aluna e do aluno, tendo como objetivo, promover a socialização, a integração dos gêneros, sendo que essa disciplina proporciona o contato direto das alunas e dos alunos, estabelecendo relações interpessoais, o que colabora para um melhor convívio entre meninas e meninos, e para a construção do respeito na escola, bem como nos diversos contextos em que estão inseridos; por isso, promover a igualdade de gênero, é um fator importante para a evolução da sociedade.

Para Borsa (2007), socialização é o processo pelo qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando os hábitos e a cultura que lhe são próprios. É um processo contínuo que se inicia pela “imitação” e continua em construção por toda a vida, mediante a comunicação verbal e não verbal, pela (con)vivência com o outro.

A respeito da separação dos gêneros nas aulas de Educação Física, Altmann e colaboradores reforçam a crítica às aulas separadas por sexo:

A separação é justificada com argumentos fundamentados nas ciências biológicas, de acordo com os quais, homens e mulheres teriam corpos biologicamente distintos, ou seja, diferenças de estatura, força física, habilidade etc., que impossibilitariam a prática conjunta nessas aulas. Esse argumento ainda se faz presente hoje (2009, p. 4).

Corroborando esta ideia, de que mulheres e homens têm diferenças físicas visíveis, e que essas afirmam, a dificuldade na qual elas e eles, se encontram para realizar atividades práticas uns com os outros nas aulas de Educação Física, por apresentarem essas características diferentes, determina-se a separação dos gêneros nas aulas de atualmente.

Após as constatações sobre as experiências prévias, buscou-se averiguar sobre as aspirações das alunas e dos alunos no que tange à organização das aulas de Educação Física. Verificando-

se, que 68,7%, das alunas e dos alunos da Escola “A” almejavam ter aulas separadas por gênero, enquanto que, 50,64% das alunas e dos alunos da Escola “B” desejavam ter aulas mistas.

Ao analisar os dados, compreende-se que a Escola “A” revelou uma preferência por aulas separadas por gênero, cuja a maioria das concepções desvelaram um prejulgamento entre meninas e meninos nas atividades, em que ambas e ambos se sentem incomodadas e incomodados em trabalhar com tarefas nas quais as diferenças físicas interfiram no seu processo de aprendizagem.

Já a Escola “B”, onde a organização da aula é mista, apresentou percentuais de preferências na mesma equivalência, cujas as alunas e os alunos demonstraram uma indecisão sobre a escolha por aulas mistas e separadas por gênero. Uma questão, a respeito da qual se pode refletir, se as alunas e os alunos usufruem de aulas mistas, mas demonstram não estar satisfeitas e satisfeitos com o modo que a aula está sendo organizada, é sobre o porquê isso está acontecendo. Podem existir vários fatores para que isso esteja ocorrendo, como os conteúdos desenvolvidos, a maneira como são abordados, a ênfase nos mesmos esportes, dessa forma, não possibilitando a diversidade da cultura corporal de movimento existente na Educação Física, ocasionando à aluna e ao aluno a concepção de que o componente curricular aborda somente esportes, não viabilizando as novas experiências por outras práticas corporais.

Saraiva (2002) salienta que, na Educação Física, as práticas corporais vivenciadas por alunas e alunos geram representações diferenciadas para meninas e meninos, que constroem preconceitos e estereótipos relacionados a quem pode ou deve praticá-las, contribuindo para que o movimento corporal esteja impregnado por padrões de conduta, impedindo a coeducação. Conforme o autor, isso reforça a ideia de que meninas e meninos precisam refletir sobre essas questões nas aulas de Educação Física, entender se os tipos de atividades são diferenciados para os gêneros, compreendendo a sua interferência em seu comportamento e como elas podem estabelecer algum estereótipo na concepção de atividade feminina e atividade masculina.

Relativamente às razões da preferência por aulas mistas, as respostas das alunas e dos alunos foram categorizadas em quatro (04) categorias que representam os principais motivos e estão elencados na Tabela 1.

Tabela 1 - Razões para a escolha das aulas mistas

Categorias	Percentual
Acredita não ter diferença	56,92%
Mais prazeroso	44,61%
Relacionamento	34,42%
Organização da aula	12,30%

* Algumas respostas foram classificadas em mais de uma categoria.

Constatou-se que 56,92% das respostas das alunas e dos alunos que almejavam aulas mistas estavam relacionadas com a crença de não haver diferença entre as aulas de Educação Física desenvolvidas para meninas e para meninos.

Os dados revelam, ainda que esse desejo também está relacionado ao fato de as aulas mistas serem prazerosas, possibilitar relacionamentos positivos e facilitar a organização das

turmas. Esses achados reforçam a importância do quanto meninas e meninos precisam conviver para aprender em conjunto, desenvolver o respeito em ambos os gêneros.

Auad (2006) posiciona-se sobre essas diferenças que os separam, mas também os unem:

As diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. As meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo (AUAD, 2006, p. 39).

Assim, essa autora expõe que, do mesmo modo que há diferenças entre meninas e meninos, existem as relações que se constroem a partir da convivência com o diferente, saber entender o outro, o que é possível vivenciar nas aulas mistas, pois essa relação é intensa e promove o exercício da alteridade, quando o indivíduo se coloca no lugar do outro, a sensibilidade permite olhar para o outro com mais atenção e respeito.

Assim, prosseguindo com a análise dos dados, no que tange às e aos demais alunas e alunos, aquelas e aqueles que desejam aulas separadas por gênero, foi possível categorizar suas respostas em cinco (05) categorias que representam os principais motivos para a escolha desse tipo de aula. Esses dados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Razões para a escolha das aulas separadas por gênero

Categorias	Percentual
Tipo de atividade por gênero	53,68%
Relacionamento	37,89%
Diferença Física	18,94%
Organização da aula	18,94%
Mais prazeroso	5,26%

* Algumas respostas foram classificadas em mais de uma categoria.

Detectou-se que 53,68% das respostas das alunas e dos alunos tinham associação com a concepção que as aulas de Educação Física devem desenvolver atividades diferentes para meninas e meninos. Também, estavam relacionadas ao relacionamento negativo entre os gêneros, diferença física, dificuldade para organização da turma e por ser mais prazeroso quando há segregação por gênero.

As percepções dessas alunas e desses alunos demonstram um contraponto aos dados revelados pelas alunas e pelos alunos que almejam aulas mistas. Enquanto umas e uns veem que as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física devam ser as mesmas, outras e outros percebem que devam ser diferentes. Assim como umas e uns percebam relacionamentos positivos, outras e outros verifiquem aqueles negativos.

Segundo Pereira (2004), a separação entre meninas e meninos se origina na sociedade e é perpetuada pela escola. As meninas e os meninos possuem gostos diferentes entre si, o que fica comprovado em suas condutas, gerando, muitas vezes, alguns conflitos entre elas e eles, e é necessário compreender esse contexto para refletir como devem ser tratadas essas questões de gênero nas aulas, promovendo as mesmas oportunidades e possibilidades para todas e todos as e os alunas e alunos.

Percepção das professoras e dos professores

Por meio da análise dos dados das professoras e dos professores foi possível constatar que, independente da organização das aulas da escola em que ela e ele atuam, sua escolha (por uma aula mista ou separada) está diretamente relacionada com a sua concepção de Educação Física, o que se torna objetivo de aula.

Uma professora e um professor de cada escola, percebem que as aulas mistas desenvolvem principalmente a socialização e o respeito entre as e os colegas, como se pode visualizar no extrato da entrevista do professor A:

[...] o respeito acaba acontecendo, as meninas aprendem respeitar os meninos e os meninos aprendem a respeitar as meninas. Um com relação *à* força e outra com relação *à* fala. Porque com as meninas, elas *às* vezes são muito agressivas [...] (Professor A).

A fim de contribuir para esta ideia, Verbena (2001), sugere ser necessária a atuação da professora e do professor no sentido de romper com a ideologia sexista que reina na sociedade, desenvolvendo o respeito entre meninas e meninos e combatendo a discriminação e os preconceitos, principalmente em relação às meninas. Visto que o autor acredita que, na escola, os comportamentos das alunas e dos alunos são reflexos da cultura sexista impregnada desde a infância, que promove o preconceito entre meninas e meninos, reforçando os estereótipos de gênero, com isso, promovendo as limitações de oportunidades para elas e eles na realização de atividades que desejam.

Já na escolha por aulas separadas, uma professora e um professor de cada escola, revelaram sentir mais afinidade e justificaram essa seleção pelo motivo de maior facilidade em trabalhar fundamentos técnicos dos esportes, visto que suas aulas, têm o propósito de rendimento esportivo, visando a competições escolares, argumento esse, claramente, exposto em uma fala da Professora C: “[...] na questão da posição de goleiro, menino é forte e a menina é fraca, ela não vai para o gol, o menino já vem com a iniciação [...]” (Professor C).

Posto isso, é possível analisar que “a habilidade motora é levada muito em conta no contexto lúdico das crianças. A maioria dos meninos considera as meninas menos habilidosas e são menos tolerantes com elas” (DORNELLES; FRAGA, 2009, p. 1). Esses autores ainda citam que, para alguns professores, as justificativas das aulas separadas estão relacionadas com as diferenças de habilidade entre meninas e meninos (localizando as meninas como inferiores aos meninos), compreendendo que existe maior facilidade para trabalhar conteúdos marcados pelo confronto e contato pessoal e que sejam próprios do universo feminino ou masculino.

De acordo com Lira e Souza (2016), a Educação Física tem-se demonstrado, ao longo da história, um palco de resistência para a coexistência dos gêneros de forma igualitária, desde suas recomendações. Mesmo quando a educação mista deixou de ser “condenável”, as aulas de Educação Física permaneceram como o território do sexismo, da separação, da disputa, da polaridade, tratando o corpo em uma lógica essencialista, com as diferenças anatomofisiológicas, sendo mais caras do que as histórias de vida, as condições socioeconômicas, as experiências motoras, o acervo cultural e os interesses distintos. Desconsiderando a diversidade de modos de

“ser menina” e “ser menino”, as quais não podem ser reduzidas às diferenças biológicas, como pautou e ainda pauta a organização das práticas escolares.

Deste modo, Altmann (1988, p. 101), diz que a professora e o professor têm um papel importante nesta questão, pois “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”.

Conclusão

A partir deste estudo foi possível concluir que as alunas e os alunos que possuem vivências com aulas separadas por gênero desejam continuar nessa organização, principalmente, pela razão de acreditarem que as atividades de Educação Física para meninas e meninos devam ser diferentes. E as alunas e os alunos que possuem vivências com aulas mistas acreditam que não deva haver diferença entre as atividades.

Podemos inferir, também, que as preferências das professoras e dos professores, por aulas separadas por gênero ou mistas, diretamente relacionam-se em consonância como elas e eles concebem a Educação Física, ou seja, como um espaço exclusivo para a esportivização ou como um espaço para desenvolver a socialização e o respeito mútuo.

Para concluir este estudo, provocou-se uma reflexão sobre como está sendo realizada a organização das aulas de Educação Física escolar, como os conteúdos estão sendo abordados, quais são os verdadeiros desejos das alunas e dos alunos em relação às suas práticas e como as professoras e os professores visualizam esse contexto. Percebendo-se, que persiste um preconceito entre meninas e meninos quanto a certas práticas corporais denominadas, pela sociedade, como femininas ou masculinas.

Por conseguinte, há resistência na implementação de aulas mistas tanto para as alunas e os alunos, quanto para as professoras e os professores, que encontram dificuldades em desenvolver atividades corporais diversificadas ou esportivas que contemplem ambos os gêneros; tendo em vista que as professoras e os professores, na maioria das vezes, priorizam a prática em si e deixam de lado as questões referentes à formação social da aluna e do aluno, por não querer trabalhar com estas devido à falta de conhecimento, por não saber lidar com conflitos na aula, que reflete no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, cabe à professora e ao professor direcionar a melhor organização para sua aula, visando a que esta desenvolva todos os aspectos sociais da aluna e do aluno, promovendo a socialização, e não a segregação de gênero, promovendo a inclusão de todas as alunas e todos os alunos nas aulas. Afinal de contas, meninas e meninos devem ser estimulados a praticarem atividades em conjunto, assim irão aprender a desenvolver o respeito mútuo para que seu desenvolvimento seja completo.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. R. A constituição histórica da educação física no Brasil e os processos da formação profissional. In: **IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, PUCPR, 2009.
- ALTMANN, H. **Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 1988.
- ALTMANN, H; AYOUB, E; AMARAL, S. C. F. Educação Física Escolar e Igualdade de Gênero: Um Estudo Transcultural – Primeiras Aproximações. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. **Anais**. Bahia, 2009.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORSA, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia**, 2007. Disponível em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Acesso: dez. 2018.
- BRACHT, W. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. **Decreto n. 69.450**, de 1º de novembro de 1971. Brasília, 1971.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Carta de Ottawa, declaração de Adelaide, declaração de Sundswal e declaração de Bogotá**. Brasília: Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz, 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: ensino fundamental**. Brasília: MEC, 2017.
- DAÓLIO, J. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira das Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 115-127, 2003.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DORNELLES, P. G.; FRAGA, A. B. Aula Mista Versus Aula Separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 141-156, 2009.

DUARTE, C. P.; OLIVEIRA, F. F. Discurso dos professores e professoras de educação física sobre o relacionamento de meninos e meninas. In: **Simpósio Temático Gênero e sexualidade nas práticas escolares**, Florianópolis, 2006.

FERREIRA, H. S.; SAMPAIO, J. J. C. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **Revista EFDesportes**, Buenos Aires, Ano 18, n. 182, p. 1-9, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B. O espetáculo do corpo: mulheres e exercitação física no início do século XX. In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KREBS, R. J. A Teoria da Ecologia do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner. In: KREBS, R. J. **Desenvolvimento Humano: Teorias e Estudos**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.

LE BOUCH, J. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1987.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 243-252, 2007.

LIRA, M. H. C, SOUZA, E. F. Turmas Mistas com aulas separadas: Lembrança da Educação Física em escolas católicas do Recife-PE na década de 1970. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 6, n. 18 p. 80-93, 2016.

LOUZADA, M. et. al. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

PAIVA, F. S. L. Notas para pensar a educação física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 51-82, 2004.

PEREIRA, S. A. **O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. 2004. 257 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v. 13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2019.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

TANI, G.; MANUEL, E.J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J.E. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: E.P.U, 1988.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 20, p. 1-8, 2015.

VERBENA, E. C. G. **Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora**. 2001. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2001.